

ABSORÇÃO ABSORPTION

E. R. Henriques

Imagine um lago de águas cristalinas, que reflete a imagem de zebras e girafas, lado a lado, saciando a sede. Listas e pintas executam um balé harmonioso, quase geométrico na superfície ondulada da água. Ao fundo, vai surgindo o sol, amarelo, rajado de laranja, de vermelho, com mesclas douradas. Do outro lado, a câmara de um fotógrafo eterniza esse momento quase único. Ali, estou eu.

Imagine outra cena, no meio da savana africana. O sol escaldante obriga os animais a compartilharem a água enlameada dos únicos vestígios de um rio, frágil e doente. Lado a lado, encontram-se búfalos (os *táxis* dos mais variados tipos de pássaros), zebras, e elefantes. No meio, bóiam crocodilos, sempre sérios, sempre sorrindo. Escondida atrás do tronco de uma árvore, possivelmente derrubada por algum elefante macho, num de seus ataques periódicos, estava ela. Os ossos diziam que precisava comer, com certeza para alimentar os filhotes. Sorrateiramente, contorna o tronco da árvore e avança em direção de uma zebrinha que, na retaguarda do bando, tentava se equilibrar na lama; sem dúvida, um alvo estudado, calculadamente fácil. Tamanha é a rapidez do ataque que o grupo só se dispersa em alvoroço quando o sangue já começa a colorir a lama. Rapidamente, foge a leoa com sua presa, deixando para trás outra mãe em total desespero. Ali, também, estou eu.

Nenhum animal selvagem ou civilizado consegue me ver, à exceção, talvez, dos tubarões e das arraias, que possuem um sexto sentido, capaz de detectar campos eletromagnéticos na água. É possível, também, que alguns tipos de crustáceos, como o camarão-louva-a-deus, também sejam capazes de me enxergar, já que seus olhos conseguem distinguir diferentes planos de luz polarizada. Apesar de eu não ser visível a olho nu, tenho poderes extraordinários, que podem mover multidões a cometerem atos extremamente solidários ou estranhamente devastadores.

Não sou uma pessoa, não sou um deus, não sou um elemento. Sou um processo, em constante evolução; um processo tão poderoso que, sem nenhum esforço de minha parte, venho, há milhares de anos, modelando o mundo, a humanidade, a história.

Apesar de ser incorpóreo e imaterial, eu sou real, e isto não é nenhuma contradição. Eu expresso, de forma palpável, visível, o espírito dos animais, principalmente dos racionais, que não fazem nada sem mim. Através das imagens que crio, magicamente, e das idéias que envio, consigo revelar o que há de mais íntimo nas pessoas. Como já sabia Descartes, eu sou “a essência do ser humano”. Mas, completando, eu sou a essência, também, dos animais (pássaros, mamíferos e, quem sabe, até de crustáceos).

Sou, por isso mesmo, abstrato; talvez uma idéia, talvez uma concepção, sempre em estado ativo, nunca pausando, literalmente nunca dormindo. Mas, graças a mim, as pessoas sonham; e as imagens que se formam, coloridas ou em preto e branco, são representações de mim mesmo (ou de mim mesma); isto porque não sou nem masculino, nem feminino, embora diferentes línguas me definam com base em critérios de gênero. Em minha essência verdadeira, sou totalmente neutro e imparcial; apenas executo comandos, os mais contraditórios que possam ser ou parecer.

Em essência, eu sou, como as raízes das árvores, um eixo fixo que sustenta, alimenta e até define os seres. Apesar de ser, até certo ponto, “preso”, digamos assim,

posso ser lançado a quilômetros de distância em fração de segundos, numa velocidade superior à da luz. Assim como os números e a linguagem, sou infinito.

Minha existência, minha natureza e minha presença são forças muitas vezes incontrolláveis; muitas vezes, criativas e inovadoras. Todas as invenções, das mais necessárias, como a agricultura, pasta de dente, o desodorante, a luz elétrica, o telefone, rádio, raio X, computador, entre centenas de outras, até as mais supérfluas, como os suspensórios, o cigarro, a coca-cola, o iPhone, a câmara digital, TV plasma, entre milhares de outras, passaram pelo meu crivo.

Sou, a bem da verdade, uma ponte, que une duas potências: o mundo interior e os estímulos externos. A forma como ele os vê tem ligações profundas com o ser, e se expressa graças à minha intermediação, auxiliada, de perto, pela linguagem, que me materializa. Em outras palavras, sou como uma luz invisível, que pode ser apenas intuída, captada. Para me interpretar, são necessários olhos atentos e, em casos muito especiais, é preciso ter olhos e ouvidos especializados. No entanto, é importante sublinhar que nem sempre sou revelado, o que, num certo sentido, é uma bênção, pois, em estado latente, causo danos apenas unilaterais. Em contrapartida, pode, também, ser uma pena, já que muitas flores mentais nunca chegam ou chegam tarde demais aos seus destinatários.

Posso surgir praticamente do nada: uma palavra, um sorriso, uma vontade, ou até um sonho. Através deles, de novo com o auxílio da linguagem, consigo tirar do inconsciente das pessoas, sentimentos, ressentimentos, medos, desejos, ou seja, qualquer tipo de emoção.

Pode-se dizer que me pareço, também, com as asas de um pássaro, ajudando as pessoas a se desligarem do concreto, do sofrimento, da dor. Sou um bálsamo. Ao mesmo tempo, posso me transformar numa voz que incomoda; uma canção de uma nota só; um grito que vai se intensificando aos poucos e que, de tão persistente, pode levar à obsessão e até à loucura.

Sou revelado pela linguagem. Nas palavras de um lingüista americano, Steven Pinker, “a linguagem surge da mente humana; é uma janela que se abre para revelar a natureza humana”. Ela e eu somos companheiros inseparáveis embora eu seja mais rápido e, diferentemente dela, não revelo meus erros gramaticais (caso eu cometa esse tipo de erro). Além disso, em mim, não é possível perceber variantes sócio-dialetais, como é o caso dela. Ela, por se manifestar, em geral, com certa clareza, às vezes até impulsivamente, já foi e tem sido muito pesquisada.

Eu, por outro lado, por ser bem mais velado e imprevisível, só me torno acessível através de aparelhos sofisticados. Minha capacidade e influência têm sido pesquisadas por cientistas em algumas partes do mundo. Na Inglaterra, por exemplo, um tetraplégico consegue movimentar o “mouse” do computador apenas se utilizando do esforço conjunto de meus poderes e de um “chip”, do tamanho de uma pílula, introduzido em seu cérebro. Esse “chip” lê a mente, ao se conectar com centenas de neurônios, capazes de movimentar o “mouse” do computador, a comando do usuário.

Nos Estados Unidos, na Universidade de Pittsburgh, cientistas criaram um robô, que tem o formato de um braço e que estabelece conexões com um sistema de redes neurais. A máquina filtra o cérebro do paciente, eliminando todos os movimentos, exceto aquele, capaz de movimentar o braço. A cobaia, um macaco, impedido de usar os membros, mas movido pela vontade de comer as frutas que se encontravam ao alcance do robô, conseguiu me controlar e, através da minha força, foi capaz de usar o braço robótico como se fosse parte de seu próprio corpo.

No Brasil, pesquisadores da Poli (USP) desenvolveram um programa de computador, capaz de distinguir comandos cerebrais, difíceis de serem interpretados, exatamente por serem enviados ora por um, ora pelo outro hemisfério. Isso porque sempre que uma pessoa deseja mexer um dos braços, por exemplo, é o hemisfério do lado oposto que envia o estímulo. Para desenvolver esse “software”, foi preciso classificar, separar e armazenar uma longa e complexa rede de sinais cerebrais, que ativam ou o hemisfério direito ou o esquerdo de pacientes tetraplégicos, por exemplo. Para que as redes neurais processem os sinais cerebrais enviados, basta apenas que o paciente imagine estar pegando e movimentando uma espécie de círculo branco que aparece na tela do computador. Esse círculo, dependendo do poder de concentração do usuário, obedecerá a suas ordens. É nesse momento que entro em ação, pois sou eu que estabeleço a conexão entre o paciente e o computador.

Todo esse preâmbulo não foi exatamente uma propaganda de mim mesmo (ou de mim mesma). O objetivo essencial foi embasar minha fala com informações científicas, a fim de torná-la mais verdadeira, principalmente aos olhos de alguns, pois o que tenho a relatar pode, perfeitamente, ser descartado como “isto é só ficção” ou “não dá pra acreditar em nada disso”. O que vou relatar, a seguir, de fato, aconteceu: interprete como puder (quiser ou souber).

Todas as manhãs, ela ficava sentada à beira da piscina, tomando um pouco de sol, brincando com a gatinha e conectando-se, por meu intermédio, com parentes, amigos, e, é claro, com sua filha, que estava longe. Todo dia, ela enviava uma energia azul, curativa, para seu sobrinho, nascido de sete meses e que estava com o pulmão ainda pouco desenvolvido (assim como seu sistema imunológico). Por ser prematuro, não sabia respirar direito porque, em tese, ele deveria estar ainda nadando no líquido amniótico, sem se preocupar em respirar, tanto que, às vezes, ele até se esquecia, tendo que ser atendido, imediatamente, pela enfermeira.

Preocupadas, as duas famílias iniciaram uma corrente de orações a fim de enviar força e energia para o bebê. Os pais da criança (seu irmão e sua cunhada, felizes porque ele estava salvo, mas tristes pelos problemas que iam surgindo a cada dia) viviam no hospital, vendo o filho, envolvido em tubos, através do vidro do CTI. A vontade de ambos era dar-lhe saúde, como num passe de mágica, e levá-lo para casa a fim de cuidarem dele, da mesma forma que cuidaram de sua irmãzinha, hoje com quatro anos. Em altos e baixos, iam sendo levados pela vida; no fundo, havia esperança; mas esta esperança, de vez em quando, era sufocada pelo medo de uma possível doença ou até de uma fatalidade. No entanto, como um raio, essas emoções negativas eram enviadas para o buraco negro; simultaneamente, afloravam imagens coloridas, cheias de energias vitais, brancas e azuis.

Nesse balanço, eu. Eu ia e vinha; às vezes, sem cor; às vezes, colorido. Como era difícil para mim toda essa oscilação que me atingia diretamente. Era como se eu vivesse e morresse; vivesse e morresse, sem poder dizer ou fazer nada. Eu somente obedecia aos comandos. Isso porque, é bom esclarecer, eu não tenho vontade própria. Estou sempre a serviço de alguém, sem ter a mínima condição de interferir por conta própria.

Só para se ter uma idéia, sou obrigado a ver as pessoas se perderem em negativismos, por acreditarem que são verdadeiros. Eu sou acessado com tal força que elas acabam me tornando real, tão real que posso ocasionar brigas, desastres, guerras; tudo aquilo que se pode imaginar (ou que não se quer nem imaginar).

Mas, como eu estava dizendo, nesse dia em que ela tomava sol, à beira da piscina, ela rezava, concentrada no bebê, em sua recuperação. De olhos fechados, mentalizou uma energia azul, curativa, que ia gradualmente envolvendo o recém-nascido, dos pés à cabeça.

Segurou essa emoção, esse desejo, por uns minutos. Ao abrir os olhos, viu, ao seu lado, uma borboleta, de um azul vibrante, brilhante, daquelas cores raras. Parecia ser a personificação de sua mensagem. Ali ficou, por uns trinta segundos, a borboleta, que era admirada de perto pela tia. Lá no fundo, uma voz lhe dizia nunca ter visto uma borboleta assim, muito menos por ali. Talvez fosse uma coincidência; não, coincidências não existem, eu lhe dizia. Aparentemente (para alguns) e certamente (para mim), a borboleta, ainda em pouso, batia as asas, aquiescendo. Daí a pouco, ao que parece (ou certamente), interagindo com ela, a borboleta levantou um vôo rasante, quase tocando seu rosto; e foi embora, para nunca mais ser vista depois disso.

Ela havia, naquele momento, recebido minha mensagem. Minha força e seu firme desejo conseguiram atrair a borboleta, personificando a mensagem azul, derramada sobre a criança, a quilômetros de distância. E, por uns trinta segundos, consegui reter, ali, a borboleta, até que a tia abrisse os olhos para poder, assim, interpretar a mensagem que eu, naquele momento, lhe enviava. E com aquela lembrança, aquela mensagem, ela ficou o dia todo, se sentindo, a bem dizer, uma emissária. A seus olhos (e, metaforicamente falando, aos meus, também), a borboleta havia materializado, por assim dizer, um desejo, que se tornou real devido ao esforço conjunto de várias pessoas que tinham os mesmos sentimentos. Com a minha ajuda, a partir de diversos pontos no universo, consegui derramar sobre aquele bebê um bálsamo, que alguns dizem vir de outra dimensão; outros o chamam de divino. Seja lá como for, fato é que, no dia seguinte, o irmão ligou com a notícia: o Lucas iria ter alta em uma semana; já tinha deixado o CTI e estava fora de perigo.

E estava; e teve. Continuamente, praticamente em todos os momentos, envio não somente borboletas, mas todo tipo de mensagem, das mais diferentes cores e formas, às pessoas, numa tentativa de me tornar real. Infelizmente, nem todas conseguem interpretar essas mensagens, por duvidarem ou por desconhecerem meus poderes. O Lucas, talvez por ser ainda um bebê, sabe (apesar de não saber se expressar). Quando souber, talvez possa até duvidar, como a maioria dos seres humanos. Isso, contudo, é apenas uma possibilidade, pois, com o avanço da ciência, novas descobertas sobre mim mesmo poderão revolucionar o mundo e as relações interpessoais (de forma positiva, eu penso, quer dizer, eu imagino).

erh.again@yahoo.com Em 1978, M. A. e em 1982, Ph. D., University of North Carolina at Chapel Hill, N.C., U.S.A.; de 1983 a 2004, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Professor Associado; de 2002 até o presente, professora da PUC-Minas Virtual (Curso de Especialização de Inglês). Artigos e livros publicados, na área de Lingüística Aplicada e, mais recentemente, contos e poemas.